



MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO: luta por espaço e equidade de gênero

Viviani Barbosa Costa^{*}
Terezinha Richartz^{**}
Marco Antônio Leite^{***}

RESUMO

Apesar de ter conquistado parcialmente seu papel na sociedade, a mulher ainda exerce funções secundárias na mídia esportiva. O discurso sexista existente na sociedade atual estabelece que profissões dominadas por homens não devam ser ofertadas para o sexo feminino. No jornalismo esportivo as mulheres atuantes sofrem diariamente com o preconceito de gênero, a desaprovação profissional e o assédio. A desigualdade nesse meio é claramente notável pela quantidade de mulheres equiparada aos homens que trabalham na imprensa esportiva, o número é nitidamente muito menor. Além disso, a competência feminina é questionada diariamente pelo público que julga que o sexo biológico define a compreensão de um tema. O artigo em questão mostra que em específico no futebol é ainda mais comum que as mulheres sejam hostilizadas durante o exercício de sua função, pois esse esporte é muitas vezes palco de violências simbólicas como o assédio e agressão verbal. É importante destacar também como a mulher não ocupa papel de destaque na mídia esportiva, pois ainda é incomum que mulheres narrem e comentem jogos. O presente artigo utiliza a pesquisa exploratória para trazer os mais diversos aspectos sobre o tema abordado. Dessa forma, é possível concluir que mesmo com maior participação das mulheres no telejornalismo esportivo a equidade de gênero está longe de ser alcançada, pois o espaço que as mulheres ocupam em canais da TV aberta e fechada ainda é limitado quando se trata da cobertura e dos debates esportivos.

* Aluna do Curso de Jornalismo do Centro Universitário do Sul de Minas UNIS-MG. vivianibc13@hotmail.com

** Professora coorientadora do Centro Universitário do Sul de Minas UNIS-MG. terezinha.richartz@unis.edu.br

*** Professor orientador do Centro Universitário do Sul de Minas UNIS-MG. marcoavga@yahoo.com.br



Palavras-chave: Gênero. Jornalismo Esportivo. Mulheres. Machismo.

1 INTRODUÇÃO

O preconceito e o estereótipo de gênero que relutam em permanecer na sociedade atual afetam negativamente o sexo feminino que atua em uma profissão considerada masculina. Mesmo com a luta e alcance dos direitos das mulheres como profissionais da imprensa esportiva, o tradicional ainda é visto pela sociedade patriarcal como o correto e melhor.

O presente artigo fará uma análise crítica a respeito do estereótipo de gênero que é difundido na sociedade, ressaltando pontos que são importantes para a compreensão do tema abordado. Pois mesmo com maior atuação das mulheres nas redações e coberturas esportivas, ainda faz-se necessário entender e analisar como esse papel é secundário.

Além disso, o artigo questiona o porquê da mulher ser vista como inferior ao homem especificamente nas editorias de esporte, expondo casos de assédio e agressão que mulheres jornalistas sofreram em coberturas e redações esportivas.

A pesquisa utilizada é a exploratória, que realiza descrições precisas da situação e quer descobrir as relações existentes entre os elementos componentes da mesma. Esta pesquisa requer um planejamento bastante flexível para possibilitar a consideração dos mais diversos aspectos de um problema ou de uma situação. (CERVO; BERVIAN, 1983, p. 85).

2 DESIGUALDADE DE GÊNERO NO JORNALISMO ESPORTIVO

“Ninguém nasce mulher, torna-se mulher.” (BEAUVOIR, 1967, p. 9). Como bem disse Simone Beauvoir, o papel da mulher e do homem foi atribuído pela sociedade, ou seja,



características femininas e masculinas foram preestabelecidas pelo patriarcado que visa a dominação masculina e seus interesses pessoais como a submissão e feminilidade das mulheres.

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem. (SAFFIOTI, 1987, p. 8)

Dentro desse contexto, o espaço das mulheres no jornalismo esportivo foi parcialmente conquistado depois de muita luta e empenho por justiça profissional. Porém, até hoje as mulheres não desempenham um papel de igualdade em relação aos homens, isso não apenas no esporte, mas também em diversos âmbitos profissionais. A posição da mulher é questionada em ambientes que são considerados masculinos, com a justificativa de que o gênero define qualidade técnica ou domínio de um tema.

É importante destacar como o espaço das mulheres no jornalismo esportivo é limitado, pois o padrão feminino e o uso de mulheres como ornamento em uma redação ou apresentação de programas esportivos ainda é muito comum, mesmo que menor em relação às décadas passadas. Em específico no futebol, diversos torcedores de diferentes torcidas sempre destacam a frase ‘não é só futebol’, com o sentido de que a modalidade não é apenas um esporte, pois se trata de inclusão social. Porém, o futebol ainda é palco de situações machistas, racistas e homofóbicas.

Qualquer que seja sua posição no espaço social, as mulheres têm em comum o fato de estarem separadas dos homens por um coeficiente simbólico negativo que, tal como a cor da pele para os negros, ou qualquer outro sinal de pertencer a um grupo social estigmatizado, afeta negativamente tudo que elas são e fazem. (BOURDIEU, 1930, p. 107)

Nos séculos anteriores a sociedade vivia uma forte imposição estereotipada de atividades e entretenimento voltados para o público feminino, como artigos e revistas que tinham como



tema moda, comportamento e beleza. Mesmo que hoje a mulher tenha alcançado o direito de escolher a profissão que deseja, ela ainda está sujeita a passar pelo preconceito de gênero, principalmente em cargos que são predominantemente ocupados por homens, como no caso do jornalismo esportivo.

Nos velhos tempos, o veterano repórter Oldemário Touguinho, do *Jornal do Brasil*, telefonava para a redação durante as grandes coberturas e procurava o editor. Quando este indicava uma mulher para recolher o material que vez ou outra tinha de ser passado por telefone, Oldemário simplesmente se recusava a entregar os relatos. (COELHO, 2013, p. 35, grifo do autor).

Atitudes como a de Oldemário ainda são comuns no meio esportivo, principalmente no futebol, que por sua vez é dominado por homens que nutrem um pensamento sexista e antiquado de que mulheres não podem e não sabem opinar ou trabalhar em um meio ‘masculinizado’. A afirmação da competência feminina no jornalismo esportivo faz parte do cotidiano das mulheres que trabalham nesse meio que permanece restrito. O incômodo masculino em ambientes que antes eram dominados por homens torna o trabalho das mulheres no âmbito esportivo ainda mais hostil, pois o assédio e a desaprovação profissional são barreiras cotidianas na vida das jornalistas esportivas.

Como destaca Coelho (2013, p. 115): “Não é fácil agradar o leitor exigente, como o que julga entender de esportes mais até do que quem escreve para ele – e em geral entende.” No esporte, em específico no futebol, que é considerada a paixão nacional, o leitor ou telespectador assíduo tem um conhecimento muito elevado sobre o tema, por isso ele é mais exigente. Se os jornalistas homens já são criticados quando erram, as mulheres então são criticadas até quando não falham, com a mesma justificativa de que o gênero define conhecimento sobre algum tema.



2.1 “Futebol não é para mulher”: o discurso estereotipado de gênero

O futebol, esporte que foi criado por homens e para homens, também conquistou a afeição das mulheres desde sua criação. No entanto, mulheres começaram a sofrer hostilidades e preconceito de gênero quando estas praticavam o esporte.

De modo que ia se estendendo pelo país e no gosto das mulheres, elas começaram a sofrer preconceitos e represálias, até que o Conselho Nacional de Desportos decretou Lei 3.199, de 1941, artigo 54, que proibia qualquer prática do futebol pela mulher, ‘às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza’. Esta Lei ficou vigente até 1975. (COSTA; PRADO, 2012, p. 1)

Com o jornalismo esportivo não foi muito diferente, segundo Coelho (2013), era quase impossível ver mulheres no esporte até o início dos anos 70. Hoje, quase cinquenta anos se passaram e a equidade de gênero no jornalismo esportivo parece utópica, porém, mulheres como profissionais do esporte alcançaram maior espaço nas editorias e redações esportivas, mas está longe de ser equivalente.

De acordo com uma pesquisa realizada em 2012 pelo Fenaj (Federação Nacional dos Jornalistas), as mulheres ocupam predominantemente 64% dos cargos de jornalista no Brasil. Já entre os cargos de jornalista esportivo não existe uma pesquisa que determine a proporção entre gêneros.

Um levantamento feito pela German Sport University Cologne (HORKY; NIELAND, 2011), o International Sports Press Survey (ISPS) aponta que apenas 8% dos textos jornalísticos pelo mundo na cobertura esportiva são assinados por mulheres. No Brasil, apenas 7%. A mesma pesquisa mostrou que o jornalismo esportivo é um mundo masculino também na temática: do material veiculado em jornais de 22 países, 85% das reportagens é sobre atletas e modalidades masculinas e apenas 9% sobre mulheres atletas ou modalidades femininas (os outros 6% não especificam gênero). (BRUM; CAPRARO, 2015, p. 4)

O discurso erroneamente dito por homens ‘futebol não é para mulher’ tem como justificativa as questões biológicas do gênero feminino, porém Saffioti (1987) diz que nada indica



que as mulheres sejam inferiores. A anatomia revela diferenças, mas nenhuma constitui um privilégio para o homem.

Tanto o homem quanto a mulher podem ter opiniões semelhantes, iguais ou diferentes em uma mesa redonda esportiva, mas isto sequer tem associação com o sexo biológico do indivíduo. Um exemplo da ideia preconcebida a respeito disso é o homem quando comete um erro ao comentar de um atleta, time ou competição e é considerado como um ato falho ou apenas um desentendimento sobre o tema. Já a mulher quando comete o mesmo erro é dito que ela não entende sobre assunto pelo simples fato de ser mulher.

Saffioti (1987) conta que a ciência já mostrou suficientemente que a inteligência constitui um potencial capaz de se desenvolver com maior ou menor intensidade, dependendo do grau de estimulação que recebe, ou seja, a ideia de que de que a mulher é inferior ao homem por consequência de seu gênero é totalmente errônea.

Não é difícil concluir sobre as maiores probabilidades de se desenvolver a inteligência de uma pessoa que frequenta muitos ambientes, o que caracteriza a vida de homem, em relação a pessoas encerradas em casa durante grande parte do tempo, especificidade da vida de mulher. Alias, o dito popular lugar de mulher é em casa é eloquente em termos de imposição da ideologia dominante. Em ficando em casa todo ou quase todo o tempo, a mulher tem menor número de possibilidades de ser estimulada a desenvolver suas potencialidades. E dentre estas encontra-se a inteligência. (SAFFIOTI, 1987, p. 14)

Esse estereótipo de gênero difundido na sociedade prejudica cotidianamente as mulheres que não se adéquam aos padrões de feminilidade, beleza e comportamento. Com isso é notável que a aceitação por parte dos homens se torne um contratempo ainda maior na profissão das jornalistas esportivas atuantes no futebol.

A violência de certas reações emocionais contra a entrada das mulheres em tal ou qual profissão é compreensível, se virmos que as próprias posições sociais são sexuadas, e sexualizantes, e que, ao defender seus cargos contra a feminilização, é sua ideia mais profunda de si mesmo como homens que estão pretendendo proteger, sobretudo no caso de categorias social como os trabalhadores manuais, ou de profissões como as das forças



armadas, que devem boa parte, senão a totalidade de seu valor, até mesmo a seus próprios olhos, à sua imagem e virilidade. (BOURDIEU, 1930, p. 111)

2.2 Assédio dentro e fora de campo

Além do espaço limitado e de serem obrigadas a comprovar competência cotidianamente, as mulheres encontram na profissão esportiva não só uma barreira, mas uma violência simbólica: o assédio. Conceito criado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, a violência simbólica de gênero se dá pela naturalização das atitudes de segregação e assédio muitas vezes sem consciência das partes. Segundo Bourdieu (1930), os dominados aplicam categorias do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais.

Em ambientes controlados por indivíduos do sexo masculino é habitual que as mulheres sofram com certos inconvenientes, pois a forma como o homem foi criado e inserido na sociedade pede que ele comprove sua virilidade a todo instante. O assédio muitas vezes visto como natural aos olhos dos homens e até mesmo de algumas mulheres nada mais é do que a prova de uma masculinidade frágil e tóxica.

O termo 'masculinidade tóxica' é usado para se referir a uma coleção vagamente interligados de normas, crenças e comportamentos associados com a masculinidade, que são prejudiciais para as mulheres, homens, crianças e sociedade em geral, ao qual a própria defesa da masculinidade é ligada à virilidade tóxica, ou seja, os homens são agressivos quando tentam defender e propor um conceito de masculinidade, de tal forma que mostra como o debate sobre o valor normativo de um conceito de masculinidade está ligada ao caráter agressivo, competitivo, homofóbico, sexista e misógina da masculinidade tóxica. (SCULOS, 2017 apud MOURA, 2019, p. 127)

É importante destacar que os casos de assédio no jornalismo esportivo não estão restritos apenas aos torcedores. Os comentários ofensivos e desrespeitosos vêm principalmente dos atletas, treinadores, dirigentes e até de colegas de profissão. Tais situações foram inclusive transmitidas ao vivo em programas esportivos, jogos e entrevistas.

V SIMGETI
simpósio mineiro de gestão, educação,
comunicação e tecnologia da informação

25 E 26 DE NOVEMBRO



Departamento de
Pesquisa - Unis



Grupo
unis

O jornalismo é tido como uma das profissões campeãs em assédio, como mostram várias pesquisas feitas no Brasil e no mundo. Um exemplo em nível mundial foi a pesquisa feita pela The International News Safety Institute (INSI) e pelo International Women's Media Foundation (IWFM) em 2014, dando conta de que dois terços das jornalistas sofreram algum tipo de intimidação, abuso ou ameaça, a maioria no próprio ambiente de trabalho. Já aqui no Brasil, esses números também ficaram evidentes após a divulgação do relatório *Mulheres no Jornalismo Brasileiro (2017)*, da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), realizado em parceria com a agência Gênero e Número, onde o assédio é citado por mais da metade das mulheres entrevistadas. Ainda nessa pesquisa, 73% das mulheres afirmaram já ter escutado comentários ou piadas de natureza sexual no ambiente de trabalho e 83,6% já ter sofrido algum tipo de violência psicológica. Na pesquisa em questão, foram citados oito tipos de violência psicológicas, sendo elas: insultos verbais 44,2%, humilhação pública 40,5%, abuso de poder/autoridade 63,9%, intimidação verbal, escrita ou física 59,7%, tentativa de danos à sua reputação 31%, ameaça de perda de emprego em caso de gravidez 2,3%, ameaça pela internet 13,4% e insultos pela internet 24,7%. (PETINELLI, 2018, p. 19)

Há alguns anos as mulheres não têm hesitado em falar sobre os assédios sofridos e inclusive denunciar estes. Em 2018 foi criada uma campanha chamada 'Deixa Ela Trabalhar', iniciativa das mulheres atuantes no jornalismo esportivo com o objetivo de criticar o machismo e o assédio recorrente no universo do esporte.

Dois casos específicos de assédio e agressão foram a principal causa da criação da campanha. Segundo Bagatini (2018), a repórter Renata de Medeiros, foi agredida por um torcedor dentro do estádio Beira-Rio. A jornalista estava trabalhando quando foi ofendida duramente com palavras obscenas. Ela reagiu à ofensa, começou a filmá-lo e pediu que repetisse o que estava dizendo diante da câmera. Foi então que o torcedor tentou dar um soco, que deixou um hematoma no braço da repórter.

“Poucos dias depois, a repórter Bruna Dealtry, do Esporte Interativo, fazia uma passagem ao vivo perto do estádio São Januário, no Rio de Janeiro, quando um torcedor tentou beijá-la na boca, deixando a jornalista visivelmente constrangida.” (BAGATINI, 2018, p. 5)

Para Petinelli (2018), a mobilização em torno da campanha é um indício de que o jornalismo esportivo oferece novas perspectivas às mulheres. Repercute positivamente o fato de que as



mensagens de empoderamento ganham espaço em diferentes meios e tornam-se referência para os atores envolvidos no mundo esportivo, especialmente o futebol.

Embora casos de assédio moral e sexual, convites e olhares indesejados e xingamentos às mulheres da mídia esportiva sejam inúmeros, dentro e fora do Brasil, eles são apenas um espelho da sociedade. Para combater o machismo, é preciso que as mulheres ocupem cada vez mais espaço no mundo do esporte e usem a sua voz para denunciar as agressões. A presença delas nos estádios e redações deve ser incentivada, consolidada e naturalizada. (BAGATINI, 2018, p. 5)

2.3 O papel da mulher na mídia esportiva

A história das mulheres no universo cultural do esporte brasileiro é marcada por rupturas, persistências, transgressões, avanços e recuos. É uma história plural, que não pode ser analisada a partir de um único olhar, dado serem plurais as próprias mulheres e, também, as formas através das quais participam do esporte. São atletas, jornalistas, árbitras, praticantes, espectadoras, dirigentes, treinadoras, admiradoras, entre outras. (GOELLNER, 2009 apud DANTAS, 2015, p. 36).

A principal questão que deve ser abordada cotidianamente em relação ao jornalismo esportivo é o papel que a mulher desempenha na mídia. A voz ativa e a exclusão de atributos físicos são privilégios conferidos apenas aos homens. E isto não é uma particularidade apenas do jornalismo esportivo, as mulheres são frequentemente impedidas de argumentar em outras profissões, assim como são julgadas por suas características físicas e não intelectuais.

Nos últimos anos foi possível observar maior atuação das mulheres no jornalismo esportivo brasileiro, em especial na TV. Porém, muitas vezes essa participação não é relevante e as profissionais acabam por ter uma presença secundária durante os programas esportivos voltados ao debate. Dessa forma, o exercício da mulher na mídia esportiva passa a ser um tipo de atração visual aos telespectadores homens, e por isso o padrão de beleza feminino é tão exigido no telejornalismo.

V SIMGETI
simpósio mineiro de gestão, educação,
comunicação e tecnologia da informação

25 E 26 DE NOVEMBRO



Departamento de
Pesquisa - Unis



Grupo
unis

É justamente a busca pela audiência que leva as emissoras a reproduzirem essa imposição estética entre os seus funcionários, ou melhor, funcionárias. A televisão, por ser um veículo que necessita da imagem, faz grande uso do que é chamado de 'visualmente belo'. E isso inclui os seus profissionais que estão diante das câmeras. O que se observa, no entanto, é que as exigências não são as mesmas para homens e mulheres. Na televisão, não é difícil encontrar homens acima do peso, carecas, de cabelo branco, algo muito mais raro quando se trata de mulheres. (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2017 apud OLIVEIRA, 2018, p. 5-6).

Apesar disso, algumas emissoras de TV entendem a importância da participação da mulher no jornalismo esportivo, mas não designam profissionais para o debate ou até mesmo para serem narradoras ou comentaristas. Por isso a maioria das mulheres na mídia esportiva atua na área de reportagem.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia utilizada foi a pesquisa exploratória que além da construção bibliográfica buscou explorar o cenário atual das mulheres no jornalismo esportivo. A pesquisa foi realizada a partir da análise de programas esportivos de canais abertos da TV brasileira, em especial a Rede Globo e a TV Bandeirantes. Além desses canais, alguns da TV fechada também foram analisados, como ESPN, Fox Sports, Esporte Interativo e Sportv. A análise foi feita com base na participação e papel que as mulheres exercem nesses programas e transmissões esportivas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 2018 foi possível notar maior participação das mulheres no telejornalismo esportivo. Segundo Mendonça (2018), as mulheres passaram a ocupar mais espaços de destaque em canais da TV fechada como ESPN, Fox Sports e Esporte Interativo. Além da reportagem, os canais contaram com profissionais do sexo feminino em mesas de debate e também na narração.



Desde 1999 não havia vozes femininas comandando microfones em jogos de futebol no Brasil. A última vez que isso havia acontecido foi em um Campeonato Pernambucano quando Luciana Mariano narrou alguns jogos do estadual em um projeto dividido com Luciano do Vale da Bandeirantes. Antes dela, somente na década de 1960 o Brasil contou com narradoras – e também por um curto período de tempo, quando Zuleide Ranieri e Claudete Troiano comandavam transmissões na Rádio Mulher. (MENDONÇA, 2018, p. 2)

Apesar dessa conquista continua difícil encontrar mulheres que ocupem papel de destaque na mídia esportiva nos canais da TV aberta. Ainda é esporádico ver profissionais mulheres debatendo com equivalência aos homens sobre futebol ou outro esporte em canais abertos, salvo algumas exceções como o da apresentadora esportiva Renata Fan que conduz o programa Jogo Aberto da TV Bandeirantes.

O aumento da presença feminina no jornalismo esportivo na televisão nas últimas duas décadas não significou grandes mudanças na rotina das 29 redações, o papel das mulheres ainda está restrito em alguns programas televisivos ao domínio masculino. Elas podem apresentar programas, fazer algumas matérias sobre determinados esportes, mas dificilmente encontram espaços para comentar, opinar e falar o que acham certo no esporte brasileiro ou narrar eventos esportivos (RIGHI, 2006 apud BAGGIO, 2012, p. 28-29).

Em 2019, a Copa do Mundo Feminina de Futebol que ocorreu na França trouxe a reflexão da desigualdade de gênero existente no futebol, pois assim como há sexismo no jornalismo esportivo, a prática do futebol por mulheres também é alvo de críticas. Dessa forma, pela primeira vez a TV Globo transmitiu aos jogos de uma Copa do Mundo Feminina de Futebol e também incluiu mulheres para serem comentaristas dos jogos.

Já no futebol masculino, a jornalista Ana Thaís Matos foi a primeira mulher a comentar uma partida de futebol masculino transmitida pela TV Globo, o jogo em questão foi entre Santos e Atlético Paranaense no dia oito de setembro pelo Campeonato Brasileiro.



De acordo com Bagatini (2018), a ausência de mulheres em cargos de chefia no jornalismo esportivo prejudica o combate à desigualdade de gênero, pois é importante ter mulheres como figuras de referência em uma redação. “É preciso abrir espaço para que elas produzam conteúdo de qualidade e relevância jornalística, e não para que estejam ali apenas como objetos de decoração, excluídas do debate.” (BAGATINI, 2018, p. 2)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em comparação aos anos anteriores, a inserção das mulheres na mídia vem crescendo. Apesar disso, o papel de destaque do sexo feminino no jornalismo esportivo ainda é incomum, e, além disso, o assédio e objetificação da mulher são recorrentes em ambientes dominados por homens.

Após a investigação do tema é possível concluir que existe um obstáculo enorme para todas as mulheres que decidem trabalhar com jornalismo esportivo. Essa barreira não depende apenas das próprias mulheres, pois vai muito além da superação.

A sociedade assim como seu discurso é patriarcal, dessa forma, é necessário que haja uma mudança estrutural. Essa reflexão será efetiva quando os veículos de comunicação se preocuparem com a legitimidade de um espaço e papel igualitário entre homens e mulheres e não apenas com o lucro.

Consequentemente, se tornará comum que mulheres enquanto jornalistas esportivas exerçam funções análogas aos homens. É importante que a mídia desafie essa visão retrógrada que dá mais status ao sexo masculino do que feminino.

V SIMGETI
simpósio mineiro de gestão, educação,
comunicação e tecnologia da informação

25 E 26 DE NOVEMBRO



Departamento de
Pesquisa - Unis



Grupo
unis

ABSTRACT

Despite having played little role in society, a woman still performs secondary roles in the sports media. The existing sexist discourse in today's established society that male-dominated professions should not be offered to women. No sports journalism like acting women suffers from gender bias, professional disapproval and harassment. The inequality in this environment is clearly noticeable because of the number of women equipped with men working in the sports press, the number is markedly much smaller. In addition, female competence is questioned daily by the public who judges biological sex and defines the understanding of a theme. The article in question shows what is specific about football and even more common for women to be harassed during the exercise of their function, as this sport is often the scene of symbolic violence such as harassment and verbal aggression. It is also important to highlight as a woman who does not occupy a prominent role in sports media, as it is still important for women to narrate and comment on games. The present article uses an exploratory research to bring the most diverse aspects about the theme approached. Thus, it is possible to conclude the same with greater participation of women in sports television news and with the gender equality that is being achieved, because the space that women occupy in open and closed TV channels is still limited when it comes to coverage and of sports debates.

Keywords: *Genre. Sports Journalism. Women. Chauvinis.*

REFERÊNCIAS

BAGATINI, Olga. **As barreiras das mulheres no jornalismo esportivo**. 2018. Disponível em: <<https://thinkolga.com/2018/06/28/as-barreiras-das-mulheres-no-jornalismo-esportivo/>>. Acesso em: 26 set. 2019.



BAGGIO, Luana. **Representação da mulher no telejornalismo esportivo: a atuação da jornalista Renata Fan no programa Jogo Aberto da TV Bandeirantes.** Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2012. 67f.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida.** Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967. p. 500.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Tradução Maria Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRUM, Adriana; CAPRARO, André. Mulheres no jornalismo esportivo: “uma visão além do alcance”? **Movimento revista da escola de educação física da UFRG5**, Porto Alegre, p. 960–971, out./dez. 2015.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica.** 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo.** 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Contexto, 2013.

COSTA, Thalita; PRADO, Ednelson. As donas da bola: mulheres que quebraram barreiras dentro e fora de campo. **Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação**, São Paulo, 2012.

DANTAS, Monique. **Mulheres no jornalismo esportivo.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

MENDONÇA, Renata. **2018 foi o ano das mulheres no jornalismo esportivo.** 2018. Disponível em: <<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/12/27/2018-foi-o-ano-das-mulheres-no-jornalismo-esportivo/>>. Acesso em: 27 set. 2019.

MOURA, Renan. A masculinidade tóxica e seus impactos na vida dos gays dentro das organizações. **Revista Ciências do Trabalho**, Rio de Janeiro, p. 125-139, 2019.

OLIVEIRA, Clarice. **A presença da mulher no telejornalismo esportivo brasileiro.** 2019. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/comunicacao-marketing/presenca-mulher-telejornalismo-esportivo-brasileiro.htm#capitulo_6>. Acesso em: 27 set. 2019.

PETINELLI, Marina. **Mulheres no jornalismo esportivo: os desafios da profissão.** 2018.



SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987. 120 p. (Coleção Polêmica).